

[Introdução]

Bem-vindas e bem-vindos ao “Cultura Circular” em Conversa, uma série de entrevistas em áudio para explorar arte, cultura, ecologia e mudanças climáticas. Já imaginou festivais na América Latina e no Caribe se destacando não apenas pela criatividade, mas também pelo impacto positivo que geram no planeta e pelas conexões culturais que promovem? É isso que buscamos incentivar com o Programa “Cultura Circular”, desenvolvido em colaboração entre o British Council e a Julie’s Bicycle. Começamos com uma breve introdução ao projeto por María García Holley e Graciela Melitsko Thornton, e na sequência, Paola Moreira Blasi conversa com os organizadores de dois festivais que, por meio da música e do cinema, apresentam oportunidades para a transição ecológica e social.

Nos acompanham nesta jornada Beatriz Cisneros Contreras, do *Mi Primer Festival* de Lima, Peru, e Oliver Knust Restucci, do *Fluvial Valdivia*, no Chile. E agora, com a palavra, María. Muito obrigada, até logo.

[María]

Bem-vindos ao “Cultura Circular” em Conversa, um espaço para explorar como a cultura e a sustentabilidade podem transformar festivais e práticas artísticas na América Latina, no Caribe e no Reino Unido. Sou María García Holley, diretora de Artes e Cultura do British Council nas Américas e no Caribe. O programa “Cultura Circular” surgiu no contexto pós-pandemia, quando os festivais buscavam recuperar sua vitalidade após a pausa global, enfrentando ao mesmo tempo o desafio inadiável das mudanças climáticas.

Este programa conecta festivais presenciais, digitais e híbridos da região com o Reino Unido, promovendo um intercâmbio cultural que vai além do artístico. Por meio de mentorias com especialistas, apoio financeiro e integração de práticas sustentáveis, o “Cultura Circular” estimula novas formas de criar e vivenciar a cultura com responsabilidade ambiental. Com mais de 110 festivais em 75 cidades, criamos uma rede de projetos comprometidos com a sustentabilidade e a inovação.

Graças à formação e ao acompanhamento oferecido aos nossos parceiros, promovemos melhores práticas para reduzir o impacto ambiental do setor cultural. Neste podcast, vamos explorar as experiências, os desafios e as inspirações de quem está transformando o cenário cultural. Venha com a gente nessa jornada.

[Graciela]

Muito obrigada, María. Sou Graciela Melitsko Thornton, falando aqui da Julie’s Bicycle em Londres, uma organização sem fins lucrativos que busca mobilizar os setores de arte e cultura diante das crises do clima, da natureza e da justiça. No programa “Cultura Circular”, nosso papel está centrado no desenho de atividades como capacitações, mentorias e colaborações em rede, apoiando os festivais em suas ações ambientais. Fico muito feliz em poder compartilhar, por meio destas entrevistas em áudio, as experiências de alguns dos festivais que

participaram das atividades do programa e que, sem dúvida, unem criatividade com cuidado ambiental, além de promoverem novas práticas e marcarem momentos importantes na construção de um futuro alternativo — tanto no campo ecológico quanto no social.

Convidamos você a escutá-los. Muito obrigada e até breve.

[Paola]

Oi, tudo bem? Eu sou a Paola e te dou as boas-vindas a um novo episódio de “Cultura Circular” em Conversa.

Hoje estou acompanhada da Beatriz, do Peru, e do Oliver, do Chile. Bem-vindos também! Como estão?

[Oliver]

Oi, tudo bem com vocês?

[Beatriz]

Oi! Tudo ótimo, tudo ótimo. Aqui de Lima, no Peru.

[Paola]

É um prazer contar com vocês. Obrigada por estarem aqui.

[Oliver]

Muito obrigado ao “Cultura Circular” por nos receber.

[Paola]

Oliver, para começar, sabemos que o nome do seu festival reflete uma conexão especial com a natureza. Então, você poderia nos contar onde acontece o *Fluvial*, do que se trata e qual é a sua missão principal?

[Oliver]

Bom, o *Fluvial* acontece na cidade de Valdivia, que é a capital da região de Los Ríos, no sul do Chile, na Patagônia Norte.

É onde começa a Patagônia — uma cidade muito verde, universitária, e como o próprio nome da região diz, “Região dos Rios”, e o festival *Fluvial* acontece numa cidade atravessada por muitos rios e canais. A identidade da cidade também está muito ligada à água. Então há muita natureza, cultura, turismo — turismo de aventura, trilhas, fotografia de aves. É uma zona úmida muito grande, com uma enorme reserva de aves.

Quando começamos a pensar no festival, não o imaginamos como um festival de música comercial com venda de ingressos, mas sim como um mercado musical onde buscamos mostrar o talento e o estado atual do setor da indústria musical chilena, com o objetivo de exportar essa música que já passou um pouco da fase emergente — o que chamamos de “pronta para exportação” ou *export ready*. Então, com o apoio de diferentes financiamentos do Estado chileno e de alguns parceiros privados, conseguimos trazer compradores, stakeholders e formadores de opinião de outras partes do mundo para participar da conferência, da parte formativa, e também para assistir às cerca de 40 bandas que participam de cada edição, para que possam ser programadas em seus festivais ou licenciadas em seus catálogos. Assim, a missão principal do *Fluvial* é promover a exportação da música chilena e o intercâmbio com outros países e culturas.

Mais do que um festival, é uma plataforma de encontro para artistas, comunidades e agentes de mudança. E o nome *Fluvial* reflete justamente esse vínculo com os rios, com os ciclos naturais e com o fluxo de ideias também, pois é um festival que busca estimular a reflexão e o pensamento. Há muitas conversas, grupos de trabalho — para além de painéis —, e já conseguimos levar adiante iniciativas que levaram anos para se concretizar e que hoje fazem parte de agendas importantes, como no tema da sustentabilidade ou no que diz respeito aos povos originários e às Primeiras Nações.

[Paola]

E de tudo isso que você compartilhou com a gente, quais aspectos sociais e artísticos você destacaria?

[Oliver]

Do ponto de vista artístico, é a oportunidade para bandas que ainda não têm condições de investir ou tentar, por conta própria, fazer uma turnê fora do Chile, de se apresentarem em uma vitrine onde compradores e formadores de opinião possam vê-las aqui no Chile.

Ou seja, é um investimento muito menor que elas precisam fazer, e é uma plataforma onde não apenas se apresentam, mas também têm várias oportunidades de se conectar com tomadores de decisão — como rodadas de negócios e diferentes tipos de networking mais informais. Por exemplo, tem uma atividade que acontece em um catamarã, um barco que navega pelos canais de Valdivia por cerca de três horas, levando todos os formadores de opinião a bordo, e durante esse passeio outras bandas se apresentam. Criamos esse tipo de espaço e já temos muitos resultados concretos, porque fazemos medições após o festival sobre os negócios que são projetados. O *Fluvial* tem sido a plataforma de lançamento para várias bandas que conseguiram dar esse salto para o exterior.

E em termos sociais, bom, tudo isso acontece em território mapuche, que é o povo originário mais importante e numeroso do Chile. O sócio e codiretor do *Fluvial*, Marcelo Godoy, é um antropólogo que vive em Valdivia e tem uma relação de muitos anos com as comunidades locais. Já faz seis anos que criamos um encontro chamado *El Águila y el Cóndor*, graças

também ao apoio financeiro não só do Chile, mas também do Canadá e de outros países. Realizamos esse encontro para fomentar que a indústria musical independente receba e forme músicos das Primeiras Nações, para que eles mesmos possam participar de festivais ou conferências no exterior voltadas especificamente às culturas indígenas. E claro, o tema da sustentabilidade também se cruza com o social, porque temos trabalhado bastante com o conhecimento ancestral — um saber que já existia muito antes das motivações modernas para “salvar o planeta”; para eles, isso já fazia parte da vida.

Esses temas se entrelaçam nos painéis, nos vídeos e mini documentários que produzimos, e também com o território em si. Ter escolhido Valdivia não significa que o *Fluvial* seja um festival local, e sim chileno. Mas decidimos realizá-lo aqui por todos os valores que esse território nos oferece. Propomos uma visão ecossocial, onde natureza e cultura não estão separadas, mas caminham juntas. E esperamos que as reflexões e os estudos que surgem do *Fluvial* não se limitem apenas a medir, por exemplo, as emissões de carbono, mas considerem também o triplo impacto que uma visão de sustentabilidade gera — colocando o social como parte central da arte e da cultura.

[Paola]

É um trabalho bastante completo e complexo o que vocês estão realizando.

Beatriz, no seu caso, conta pra gente de onde vocês atuam e quais são os principais eixos sociais e artísticos do *Mi Primer Festival*.

[Beatriz]

Bom, o *Mi Primer Festival* é um festival de cinema voltado para as infâncias, juventudes e comunidades do Peru. O público com o qual trabalhamos é principalmente composto por crianças, algumas delas em situação de exclusão social. Então, já com esse foco, a questão educacional foi, na verdade, o que me motivou, como diretora do festival, desde o início, a me perguntar: “O que posso fazer com o que estudei?”, e eu estudei cinema. Foi a partir desse desejo de contribuir para uma educação melhor—uma educação inclusiva, acessível—que surgiu a ideia de dizer: “Bem, a ferramenta que temos é o cinema, o audiovisual, as novas tecnologias”, que eles adoram. E foi a partir disso que começamos a criar: peças artísticas, animações usando uma técnica artesanal chamada *stop motion*, criamos histórias, usamos a técnica do *storytelling*. Então, fundimos o *storytelling* com o *stop motion* para produzir pequenas criações que, no festival, duram cerca de 45 segundos. Este ano, por exemplo, o tema foi, mais uma vez, o meio ambiente—e eles e elas são muito, muito conscientes, até mais do que os adultos.

Estamos baseados em Lima, mas também viajamos para outras províncias. Lima é imensa, tem 12 milhões de habitantes, então o festival costuma acontecer em cerca de 10 sedes, em diferentes distritos. Aplicamos a mesma metodologia, o mesmo tema, mas a forma como isso se manifesta em cada comunidade é muito distinta. Existe muito centralismo, então, por exemplo, em uma comunidade Shipibo-Conibo, originária da Amazônia, o tema ambiental tem

uma abordagem; já em uma comunidade que veio de Ayacucho (nos Andes) e que agora está em Lima, é outra. E em uma comunidade costeira ou urbana, é diferente novamente. Usamos a mesma metodologia, mas cada comunidade se apropria dela e trabalha suas próprias problemáticas. Por exemplo: “Um dia fui ao rio e ele estava vermelho. Por que o rio estava vermelho?” ou “Por que as tartarugas não estão mais colocando ovos nessa praia?”—cada um traz seu olhar. E tudo isso a gente publica em um canal no YouTube, onde compartilham suas experiências.

Então é como criar um clube, uma comunidade. É a união entre educação e arte—uma arte audiovisual, uma arte cinematográfica—mas com um enfoque muito forte na educação, especialmente por conta da faixa etária com a qual trabalhamos. Mas não trabalhamos apenas com crianças; também trabalhamos com seus cuidadores, com professores, com todos os adultos interessados em criar conteúdo para as infâncias. É uma progressão, como diz o próprio nome do festival: *Mi Primer Festival*, porque provavelmente é o primeiro festival de cinema da criança, sua primeira experiência, a primeira vez que assiste a um filme em uma tela inflável gigante. Essas primeiras experiências. A equipe também é composta por terapeutas, psicólogas e educadoras—não somos só profissionais do audiovisual. E qualquer coisa pode desencadear algo—especialmente para os pais e mães que levam seus filhos a um espaço assim. A última coisa que querem é que algo aconteça, especialmente algo emocional. Mas muitas vezes surgem questões sociais realmente fortes, especialmente em comunidades, e precisamos saber como responder a elas.

[Paola]

Você falava sobre esse sentido de como gerar comunidade, e queria te perguntar se você percebeu que, por meio das crianças, os adultos passaram a se envolver cada vez mais com temas de sustentabilidade, por exemplo.

[Beatriz]

Sim. Sim, com certeza. Aliás, este ano foi especialmente interessante por causa de uma oficina que chamamos de *Luciérnaga*, que é uma combinação de *storytelling* com *stop motion*. E ela deixou de ser exclusiva para crianças—agora é intergeracional. Ou seja, em vez de os adultos ficarem só como observadores—como normalmente acontece, onde pais, avós, tios e acompanhantes ficam três horas esperando, conversando, mas sem participar—agora todos entram. Todos participam, e todos viram crianças de novo, né? Então, é muito bonito nesse sentido, colocá-los em ação, porque é aí que acredito que realmente começa uma conscientização. Não só a conversa ou a reflexão, que são importantes, mas uma reflexão ativa, né? É no fazer que você pode depois refletir.

E, por exemplo, as animações que fizemos com avós e crianças foram incrivelmente enriquecedoras, porque obviamente os avós trazem uma sabedoria muito maior, e as crianças trazem essa brincadeira, essa loucura maravilhosa—então eles se equilibram. E para os avós, ver uma animação feita em *stop motion*—algo que talvez nunca imaginaram fazer na vida—é uma experiência emocionante. As expressões deles de surpresa são incríveis, quando

percebem que acabaram de fazer um filme em três horas, eles ficam super emocionados. E ao mesmo tempo, eles trazem esse suporte narrativo, colocam suas vozes, as locuções em off, enquanto as crianças, que são muito agitadas, recebem essa calma dos avós, o que dá mais força para a história, né?

Acho que é algo que estamos percebendo que funciona muito bem justamente para isso que você comentou—para que os adultos se envolvam mais ativamente, para que se contagiem, e não fiquem apenas como observadores ou cuidadores. A gente também está ali, né? Fazendo parte da mudança.

[Paola]

Oliver, fiquei curiosa para saber como o foco do festival em relação à natureza e ao clima evoluiu ao longo do tempo...

[Oliver]

Acho que a evolução do festival passou por incorporar a sabedoria ancestral dos povos originários, que se cruza com a memória e a identidade do território. Também já comentamos que buscamos ter esse olhar integrado, que chamamos de ecossocial. Mas, ao mesmo tempo, em termos concretos, para quem quiser entender como as coisas foram acontecendo, aproveitamos muitas oportunidades que, à primeira vista, parecem distantes, mas que, se você se aproxima e propõe colaborações, as coisas realmente avançam.

No começo, a gente não tinha nem recursos, nem dinheiro para implementar uma área de sustentabilidade. O que fez a diferença foi a aproximação com a universidade—especificamente a Universidad Austral de Chile, que é a maior instituição de ensino do sul do país e fica em Valdivia. Eles nos ajudaram com uma estratégia através do Centro de Estudos Ambientais, o CEAM, e depois com uma unidade da própria universidade que cuida da gestão de resíduos. Isso nos deu um certo respaldo institucional para então nos aproximarmos da prefeitura, e juntos começamos a implementar as primeiras ações de reciclagem e gestão de resíduos.

Já tínhamos um estudo de impacto financiado, que inicialmente media questões como os negócios e o impacto turístico, baseado na ocupação da cidade durante o festival. E foi aí que acendeu uma luz—percebemos que também poderíamos integrar as primeiras medições de impacto ambiental, já que as unidades da universidade estavam levantando esses dados. E como estávamos envolvidos com o turismo, “sem querer querendo”, como diz *El Chavo*, percebemos que já tínhamos dados sobre transportes, emissões, os delegados que vinham de fora—tudo isso estava em outras planilhas que conseguimos integrar. Aos poucos, acho que já realizamos quatro ou cinco estudos, e cada um foi incorporando um capítulo maior sobre sustentabilidade.

Isso nos ajudou a captar mais recursos, até que chegou o momento em que o *Cultura Circular* abriu sua linha de apoio no Chile. Foi aí que conseguimos aplicar para fundos mais robustos,

não só para medir, mas também para começar a mitigar e desenvolver uma estratégia mais integral, talvez de médio prazo, pensando já no futuro.

[Paola]

E para vocês, Beatriz, como o festival evoluiu em relação à sustentabilidade? Quais são os principais aspectos dos projetos que estão desenvolvendo atualmente?

[Beatriz]

Além da criação de conteúdo, que é toda baseada em temas ambientais, uma inovação foi contar com o *PeliSolar*, que é um cinema móvel com energia solar. Até o ano passado, tínhamos dez sedes espalhadas por Lima. E essa inovação nos permitiu chegar a quatro locais com poucos recursos, onde a energia era instável. Em anos anteriores, por exemplo, a tela inflável se esvaziava por causa da oscilação elétrica. Mas este ano conseguimos ir a essa comunidade com o sistema solar completo, oferecendo uma projeção limpa, e isso gerou muita conversa — e continua gerando — em todos os níveis. Acho isso muito importante, não apenas para as crianças, mas especialmente para os adultos.

Acredito que isso tem um impacto um pouco maior e mais sustentável também, porque desperta muitas ideias. As pessoas dizem: “A gente pode fazer música com isso”, “podemos fazer uma peça de teatro”, e de repente todo mundo fica criativo. Acho isso super bonito — que as pessoas não se frustrem, mas, pelo contrário, queiram descobrir de que forma podem contribuir a partir do seu próprio espaço para seguir nessa mesma linha.

[Paola]

E dentro desse contexto que você está comentando, quais desafios ambientais você diria que uma megacidade como Lima enfrenta?

[Beatriz]

Muitos. O trânsito, a quantidade de carros, a poluição sonora, a poluição da água. O Peru é enorme, mas Lima, em particular, é uma cidade linda, está ao lado do mar, tem um litoral pacífico impressionante. Mas se você olhar mais de perto, percebe que o petróleo já prejudicou várias praias ao norte de Lima e em outras partes do Peru também. Então sim, há um trabalho muito sério a ser feito com as empresas privadas, começando por assumir responsabilidades. Uma das coisas em que temos trabalhado bastante é o uso de bicicletas e o compartilhamento de carros. A ideia é nos unirmos para que isso tudo seja, de alguma forma, mais sustentável.

[Paola]

Agora, Oliver, vamos falar sobre sua trajetória em direção à sustentabilidade. Por que você decidiu focar nesse tema? Teve algum momento de revelação pessoal que te motivou? Como foi?

[Oliver]

Olha, no plano pessoal, sempre foi mais uma intuição—não começou diretamente com a sustentabilidade, mas sim com uma conexão que sempre tive com a natureza. O que mais gosto de fazer é viajar por ela, viver experiências imerso nela. Gosto da flora, da fauna, dos lagos, do mar... então, quando vejo, como a Beatriz dizia, coisas que acontecem e machucam o ecossistema, também dói em mim. Sinto fisicamente, no estômago mesmo.

Então, quando surgem oportunidades de agir—e a música tem um poder comunicador muito forte—isso faz sentido. Esse trabalho não começou no *Fluvial*, mas sim observando experiências internacionais graças ao nosso sindicato, como comentou a Graciela, que se chama *IMICHILE—Industria de Música Independiente de Chile*—que reúne mais de 70 selos independentes aqui no Chile. Fazemos parte de uma rede global chamada *WIN (Worldwide Independent Network)*, da qual fizemos parte do conselho por muito tempo, e ainda estamos envolvidos. Foi aí que conhecemos nossos pares britânicos da *AIM (Association of Independent Music)*, que já desenvolviam várias ações ligadas à sustentabilidade e tinham vínculos com a *Julie's Bicycle* e com o movimento *Music Declares Emergency*.

Durante essas reuniões e conferências em Londres, nos aproximamos da *AIM* e da *Julie's Bicycle* para entender como poderíamos participar do movimento e integrá-lo no Chile. Mas o trabalho mais importante, na nossa visão, era traduzi-lo para o espanhol—e adaptá-lo. Muitas das propostas eram muito voltadas à realidade europeia.

Então fizemos um trabalho de tradução e, digamos, de “latinoamericanização”—ou seja, trazer para a nossa realidade mais periférica, de países em desenvolvimento. E aí você começa a perceber que não está sozinho, que há muitos outros países fazendo o mesmo. E, mais do que uma inquietação pessoal, você passa a enxergar uma comunidade com os mesmos interesses, remando para o mesmo lado. Pequenas ações começam a se tornar um movimento de mudança, passo a passo.

[Paola]

E nesse contexto, quanto o programa *Cultura Circular* influenciou o trabalho e as práticas que vocês estão realizando no festival?

[Oliver]

Teve um impacto enorme, porque pela primeira vez conseguimos trazer uma figura relevante da indústria musical internacional, que não é apenas um acadêmico da sustentabilidade, mas (ou ainda é) o diretor do selo *Ninja Tune*, que é uma referência na música há mais de 30 anos. Ele é o diretor e, além disso, o selo é um modelo em termos de política de sustentabilidade—é algo realmente impressionante. Isso nos permitiu estabelecer uma parceria com o sindicato *AIM*, e esse senhor, Peter Quicke, veio ao Chile. Ele não só participou do *Fluvial*, mas ficou mais de 10 dias visitando lagos, cordilheiras, parques nacionais... e nos ofereceu duas sessões: uma palestra e depois um workshop mais prático, onde ele explicou passo a passo

como fazem as coisas na Europa, tanto no Reino Unido quanto na *Impala*, que é a associação europeia dos selos independentes.

No último dia, ele também se conectou com os povos originários e fez uma oficina de *mindfulness*. Foi uma experiência muito marcante para ele também, já que os europeus não têm tribos tão ligadas à terra, e ele ficou bastante impactado. Até hoje mantemos uma relação muito cordial com ele—e ele é uma pessoa super simpática.

Isso foi o primeiro ponto. Nós não teríamos tido dinheiro para trazer uma pessoa assim, e foi o programa que nos proporcionou isso. Depois vieram as ações concretas—medição da pegada de carbono, estratégias de mitigação, e além de toda a parte de gestão de resíduos, conseguimos eliminar, pela primeira vez, os plásticos de uso único—o que foi enorme.

Outro ponto foi a comunidade de aprendizagem, através dos workshops. Foram três atividades que, obviamente, têm um custo. Além de trazer o Peter, produzir tudo isso também teve seu custo, e o apoio do *Cultura Circular* foi fundamental. E eu acho que, em termos de comunicação e impacto na redução da pegada, uma das ações mais marcantes foi a mobilidade sustentável. Fizemos algo que, sinceramente, ainda não sei como conseguimos: colocamos um trem que saiu de Santiago até Antilhue, que é a estação mais próxima de Valdivia—cerca de 800 quilômetros. O trem veio cheio de delegados, músicos, DJs... e, embora o relatório final ainda não tenha o número exato, estima-se que a mitigação foi de cerca de um terço a menos de emissões de carbono do que se todos tivessem vindo de avião ou em veículos particulares.

Além disso, o trem foi uma festa: a viagem durou cerca de 15 horas, e o vagão refeitório virou bar. Tinha DJs tocando vinil, apresentações acústicas, uma mesa de credenciamento—o *networking* começou ali mesmo. E em termos de comunidade de aprendizagem e educação ambiental e territorial, contratamos um serviço chamado *Circula* de gestão de resíduos, que educava o público a reciclar em cada ponto de descarte. Havia um monitor, uma pequena introdução sobre como separar os resíduos e o que está por trás de toda a gestão ambiental do festival.

[Paola]

Beatriz, conta um pouco mais sobre essas propostas inovadoras, como o uso de energia solar nas turnês de vocês. Quero entender melhor como funciona essa iniciativa e de que forma o programa *Cultura Circular* ajudou a impulsionar essas ideias.

[Beatriz]

É a primeira van com sistema solar móvel do Peru. A ideia surgiu há pelo menos dois anos. E, como o Oliver comentou, também tem um lado pessoal. Numa viagem para a Amazônia com o festival, chegamos com toda a equipe e... não havia energia.

Era um lugar que só se alcançava depois de cinco horas de barco, e a única energia disponível vinha de geradores movidos a petróleo ou gasolina. Então, para mim, parecia meio

contraditório: chegar ali para realizar atividades educativas e culturais com a comunidade, com as crianças, as mulheres, os artesãos... e, ao mesmo tempo, estar poluindo. Foi esse o primeiro estalo para pensar: o que podemos fazer para mudar isso?

A partir daí, começamos a buscar referências de formatos com energia solar no mundo, e encontramos uma rede chamada *Solar World Cinema*, que nasceu na Holanda. Conseguimos entrar em contato com eles, falamos com colegas do México e do Brasil que fazem cinema solar há mais de dez anos. Foram cerca de 12 meses de pesquisa. E quando surgiu a oportunidade com o *Cultura Circular*, vimos que era o encaixe perfeito: fazer o festival de fato se tornar um formato de *Cultura Circular*. O projeto foi se desenvolvendo em paralelo ao festival—na verdade, são como projetos irmãos: o *PeliSolar* e o festival. A ideia é que esse novo projeto alimente o festival e também atenda outras necessidades da própria comunidade.

Quando você chega com a van—que tem dois painéis solares fixos e rígidos no teto, que giram para ajustar ao ângulo do sol—dentro dela há um inversor, que transforma a energia solar em eletricidade. Basicamente, é uma fonte de energia. E dessa fonte saem extensões e temos baterias que armazenam essa energia.

Esse é o sistema fotovoltaico. E aí, quando você chega a uma comunidade, pode conversar com as prefeituras locais e dizer: “Olha, isso é algo que vocês também podem fazer.” O desafio para construir essa van solar foi conseguir patrocínios para viabilizá-la. Todo mundo achava a ideia bonita, mas ninguém conseguia visualizá-la como algo real. Então, com fundos como o *Cultura Circular* e outros voltados à sustentabilidade, conseguimos tirar o projeto do papel—porque, do contrário, seria muito difícil de realizar.

Acredito que isso abre possibilidades, e foi graças ao apoio de instituições internacionais com uma visão mais ampla de como tornar esses projetos sustentáveis que conseguimos fazer acontecer. Porque, em países como o Peru, as pessoas muitas vezes não acreditam. Simplesmente não conseguem enxergar.

[Paola]

Esse foi o maior desafio que vocês enfrentaram?

[Beatriz]

Sim, com certeza. E, pra isso, veja, eu estudei cinema—não sou engenheira ambiental—mas mesmo assim, para conseguir dialogar no mesmo nível, eu fiz um diploma em Economia Circular e Sustentabilidade. Foi importante para eu me sentir mais segura e saber exatamente com o que estávamos lidando, porque não é um projeto simples—é preciso ir com passos firmes. Mas eu acredito que é necessário. E, como organizações culturais, é nossa responsabilidade—então, temos que fazer.

[Paola]

Vocês estão engajados desde o início, sem dúvida.

Oliver, há alguns minutos você mencionou a iniciativa da qual faz parte, *La Música Declara Emergencia*. Conta um pouco mais pra gente sobre isso.

[Oliver]

Bom, *La Música Declara Emergencia* foi um movimento internacional que surgiu antes de implementarmos no *Fluvial*. O interessante é que usamos essa marca para apresentar todas as nossas ações voltadas à sustentabilidade.

Por exemplo: “La Música Declara Emergencia apresenta: a calculadora de pegada de carbono para seu evento”, ou “La Música Declara Emergencia apresenta: o poder comunicador dos artistas para a sustentabilidade”. Ou seja, usamos uma marca que é atrativa e que já vinha com um slogan muito forte da campanha anglófona e internacional: “*No Music on a Dead Planet*” — “Não há música num planeta morto”. Essa mensagem já chegava com bastante força, e nós a traduzimos. E acredito que isso ajudou muito a impulsionar a iniciativa dentro do *Fluvial*. No geral, o pessoal da indústria já reconhece essa campanha.

Além disso, conseguimos acessar recursos voltados à educação e à formação em sustentabilidade para o setor criativo. E isso é algo que temos conseguido aproveitar. Afinal, o *Fluvial* acontece apenas uma vez por ano, mas a campanha pode continuar circulando e oferecendo informação o tempo todo.

[Paola]

Dentro dessa iniciativa, quais elementos você destacaria como inovadores?

[Oliver]

Acho que o grande diferencial dessa iniciativa é que ela divide as ações por subsetores ou modelos diferentes da indústria musical. Então, *La Música Declara Emergencia* — ou a edição inglesa, *Music Declares Emergency* — oferece exemplos práticos conforme o seu perfil.

Se você tem um escritório pequeno, siga essa lista. Se você tem um estúdio de gravação, siga essa outra. Se você organiza um festival de grande porte, comece por aqui. Se você é músico, recicle suas cordas de nylon — simples assim. São orientações bem diretas. E você pode adotar o que estiver ao seu alcance — ou não.

Não sei se isso é tão inovador assim. Mas acho que o que há de mais inovador é justamente o fato de ser uma campanha extremamente prática e acessível. Esse, pra mim, é o principal valor dela.

[Paola]

Beatriz, com quais comunidades vocês estão trabalhando atualmente e qual é o enfoque de vocês nessas relações?

[Beatriz]

Há cinco anos, e até hoje, trabalhamos com uma comunidade *Shipibo-Conibo* que veio da Amazônia e atualmente vive em Lima. E, bom, naquela viagem que mencionei antes, tivemos a oportunidade de visitar a comunidade original e ver de perto os problemas que enfrentam—especialmente questões de território, desmatamento e energia. Quando voltamos, continuamos trabalhando com essa comunidade ao longo do ano. Eles não são apenas uma das sedes do festival, mas também participam de diversos workshops. Trabalhamos muito com mulheres, especialmente artesãs.

É uma comunidade que produz bastante artesanato têxtil e também murais. Trabalhamos com adolescentes do sexo feminino. E como viemos do mundo audiovisual, além de música, também fazemos videocliques.

O foco que sempre buscamos é a história—onde está a história? E este ano começamos a trabalhar também com uma comunidade andina. É uma comunidade vinda do interior do Peru, de Ayacucho, formada por vítimas da guerra interna causada pelo terrorismo nos anos 1980. Algumas famílias migraram para Lima e formaram essa comunidade.

Eles enfrentam outra problemática, que não é tão ambiental, mas sim ligada à memória. E, mais uma vez, nosso foco são adolescentes, principalmente meninas, também por conta da alta incidência de gravidez na adolescência. As crianças, meninos e meninas, são sempre incríveis—cheias de energia, muito proativas. Estão criando hortas urbanas em uma zona muito árida. Mas também enxergamos um lado muito mais sociopolítico, que é trabalhar com essas adolescentes, com essas mulheres, e entender de que ferramentas elas precisam.

[Paola]

E na sua visão, o que poderia ajudar o setor audiovisual e de festivais no Peru a incorporar práticas sustentáveis de forma mais generalizada?

[Beatriz]

Olha, os festivais—não apenas os de cinema—reúnem um público enorme. Eles têm esse poder de mobilização. E exigem muito esforço. Acho que, aos poucos, percebemos que os festivais têm muitas atividades, mas é importante pensar a sustentabilidade como um eixo transversal, presente em todas as áreas. Não se trata apenas de sustentabilidade ambiental, mas também econômica, social e de longo prazo.

Não é fácil, mas passa por se unir a projetos, pessoas e instituições que compartilham os mesmos valores. Essa é uma forma de nos tornarmos mais sustentáveis—nos apoiando mutuamente. Um verdadeiro ganha-ganha.

[Paola]

Oliver, pra finalizar: quais são os próximos passos no seu caminho rumo a uma transição ecossocial?

[Oliver]

De forma concreta, precisamos consolidar nossas alianças internacionais e compartilhar nossas metodologias. Um dos principais objetivos é promover o trem cultural Santiago–Valdivia, que teve um grande impacto em termos de números e um enorme potencial comunicacional.

Também queremos distribuir garrafas reutilizáveis com narrativa e marca compartilhada, para eliminar de forma definitiva os plásticos de uso único do festival.

Outro objetivo é posicionar o *Fluvial* como projeto-piloto do sul global e da região de *Los Ríos* em boas práticas. É fundamental integrar o pessoal e o coletivo como eixos centrais da transição — nesse sentido, a abordagem ecossocial de que falávamos. E acreditamos que as ações formativas não devem ser apenas técnicas, mas também incluir uma dimensão de introspecção.

Por fim, queremos iniciar um processo real de mitigação de impacto, com o objetivo de tornar o *Fluvial* um evento carbono neutro a médio prazo. Acreditamos que, se formos avançando aos poucos e com um cronograma razoável, conseguimos alcançar isso.

[Paola]

Muito obrigada, Beatriz e Oliver, por essa conversa tão rica e valiosa. Foi um prazer ouvir suas experiências e todo o trabalho incrível que vêm fazendo através dos seus festivais. Tudo de melhor para o que vem pela frente.

[Oliver]

Muito obrigado, um grande abraço.

[Beatriz]

Obrigada.